# O Que sua mãe Sabe?

# Fugindo das garras super-protetora e controladoras de sua mãe, Perséfone viaja ao submundo para ver Hades, o homem sinistro que invadiu seus sonhos.

**Sombrio e perigoso, ele traz à vida os desejos que ela não sabia que existia.**

**Mas em satisfazer os desejos de sua carne ela pode perder a sua alma?**

# 

# Conto

Ela afastou-se da casa de pedra confortável, situada no vale.

A cada passo, o clima ficou mais frio. As folhas ao seu redor mudou de verde suave para vibrante medalhas de ouro, vermelhos e laranjas flamejante brilhantemente contra o céu dolorosamente azul. O céu desapareceu enquanto a habitação tornava-se um minúsculo ponto no horizonte.

O azul, que uma vez feria seu olhar diretamente, escureceu a um tom cinza como as folhas das árvores caídas, tornando-se seca e quebradiça antes mesmo de tocar o solo.

Sua mãe estava em boa forma hoje.

Quanto mais ela se enfurecia, mais rapidamente a terra morria.

Perséfone suspirou.

Ela não mudou nada.

A mulher poderia fazer birras como ela gostava, mas Perséfone já teve o suficiente.

Ela amava sua mãe, é claro, mas tinha sido refém de sonhos não realizados da mulher por muito tempo.

Só porque Deméter escolheu viver uma existência miserável e amarga não significava que ela precisava prender sua única filha dentro dela.

Perséfone puxou seu manto mais firmemente em torno de seus ombros enquanto ela continuava a avançar.

O cheiro excessivamente doce, doentio de maçãs podres encheu o ar, envolvendo tudo à sua volta. Ela não ficaria surpresa se as ovelhas, à procura de abrigo contra os ventos fortes, comessem da fruta em decomposição.

Nuvens escuras de tempestade agitavam tudo em cima, atirando gotas de chuva fortemente para a terra.

Umidade gelada atravessou a lã fina envolvendo seu corpo, e ela estremeceu sob o peso cada vez mais pesado.

Ela poderia colocar um fim a isso.

Se ela voltasse para casa, tudo seria perdoado como se nunca tivesse acontecido.

Na verdade, sua mãe iria fingir que nunca tinha acontecido, então a luz e o calor iria voltar para a terra.

Mas Perséfone estava cansada de ser um prisioneiro em sua própria casa.

Ela queria mais do que tudo cuidar dos jardins e árvores frutíferas.

Sua mãe poderia se contentar em se isolar do contato físico, mas não Perséfone.

Ela queria as coisas.

Coisas que ela não poderia nem mesmo nomear.

Coisas obscuras.

Coisas que fez seu corpo doer com as necessidades que ela não poderia descrever, muito menos explicar. Necessidades que a mantinha acordada durante a noite e distraída durante o dia. Necessidades que torcia seus sonhos, acelerava sua pulsação, batendo visões parte tormento parte êxtase.

Necessidades que se tornou mais pronunciada a cada vez que o via.

Necessidades que a fez cruzar a terra dos vivos e para a terra dos mortos.



— Sua mãe sabe que você está aqui?

Perséfone deu de ombros. — Será que realmente importa para você? —

Um sorriso leve curvou seus lábios, enquanto observava seu avanço mais de perto. Ele afastou do pilar em que estava encostado.

— Particularmente, não.

Longos cabelo negros caiam sobre os ombros musculares, caindo para o meio das costas enquanto ele espreitava em sua direção, seus movimentos predatórios.

Ele circundou-a quase cautelosamente, como se ela pudesse fugir dele.

Seu coração estava na garganta, mas ela estava enraizada no lugar, observando a luz do fogo banhar os músculos movendo sob sua pele.

Ela levantou a mão quando ele se aproximou, mas tão rapidamente deixou cair para o lado dela e apertou sua saia.

Afastando-se dele e da atração quase hipnótica que ele tinha sobre ela, olhou ao redor da câmara em que tinha sido trazida.

Espessas velas amarelas estavam em ferros forjados colocados em torno de uma enorme cama no fundo da câmara. As chamas cintilando brilharam em taças de prata uma mesa próxima e pinturas nas paredes da caverna a deixava mais suaves.

Sua mãe havia mentido novamente.

*Que surpresa.*

Não havia corpos contorcidos em poços de lava.

Não havia pobres almas acorrentadas às paredes e sendo espancadas.

Sem dor, sem choro, sem sangue, sem tormento, sem gemidos, bem, havia uma espécie de gemidos. Baixos gemidos sensuais ecoaram pelas paredes de pedra e fazendo lugares secretos dentro dela se apertar e doer.

Seus olhos escuros brilharam enquanto ele olhava para ela, quase como se ele sentisse sua resposta.

— Por que você está aqui, Perséfone? — Sua voz baixa retumbou através dela, estabelecendo-se profundamente dentro de seu ventre.

Ela respirou, estremecendo, fingindo coragem que ela estava longe de sentir.

— Eu quero o que você me prometeu.

Seus lábios torceram, e ele se aproximou, arrastando a ponta do dedo ao longo de sua clavícula.

O dedo áspero enviou arrepios ao longo de seu membros, mas ela se forçou a ficar parada e mantendo seu olhar.

— Não me lembro de prometer-lhe qualquer coisa.

— Você não lembra? — A incerteza dela aumentou quando ele não respondeu.

E se ela tivesse se enganado de seu desejo por ela?

Ela engoliu em seco, seu orgulho e desejo não realizado pesadamente em seu estômago. — Me enganei então .

Virando-se rigidamente, ela caminhou em direção a porta em arco de seu quarto, mas parou quando seu manto prendeu a alguma coisa.

Ela olhou para trás.

Não era um obstáculo, mas Hades com um punhado de tecido em suas mãos.

Gentilmente, ele a puxou para trás até que seu peito pressionou contra suas costas.

O calor de seu corpo vazava através de seu manto de lã enquanto suas mãos acariciavam seus braços e ombros.

Seus dedos circundaram o pescoço e acariciaram sua pele enquanto ele se inclinava para a frente, os lábios roçando a camada externa de sua orelha.

— A menos que você se refira as promessas que eu sussurrei para você, enquanto você dormia.

Perséfone virou para olhar para ele, as mãos ainda frouxamente ao redor do pescoço.

Um tremor de desconforto deslizou ao longo de sua coluna em sua admissão.

Talvez sua mãe tivesse razão.

Essas necessidades que ela tinha não eram naturais.

Ao contrário, elas eram o subproduto de mensagens insidiosas enviadas pelo Senhor do Mundo dos Mortos.

Mas como ela já estava lá, seus longos dedos acariciando seu pescoço, percebeu que não se importava.

Ela era algo vazio e desejava mais do que a colheita de frutas e cuidando dos campos.

Sem se importar com as consequências, ela se inclinou e apertou os lábios para seu peito nu, inalando seu cheiro quente e picante.



Com o toque da língua de Perséfone em sua carne, os dedos de Hades se apertaram sobre ela.

Sua respiração sibilou entre dentes enquanto ela perdia a sua boca sobre o peito para provocar seu mamilo.

Envolvendo os dedos pelos seus cabelos, ele segurou a parte de trás da cabeça dela enquanto ela mordiscava o broto minúsculo, sua respiração presa ao prazer de sua boca em sua pele.

O toque de veludo de sua língua misturada com o calor de seus lábios, aumentava as sensações sobre seu corpo.

Ele tinha esperado tanto tempo para ela ir até ele.

Na verdade, ele temia que ela nunca o fizesse.

Ela afundou seus dentes em seu músculo peitoral, e ele puxou uma respiração áspera.

Sua mão apertou em seus cabelos, e ele puxou-a, inclinando sua cabeça para trás até que ela viu seu olhar faminto.

Seus olhos estavam arregalados e escuros enquanto ela olhava para ele, os lábios ligeiramente úmidos e se separados.

Sem uma palavra, ele se inclinou para frente e capturou os lábios dela, reivindicando sua boca.

O beijo era áspero, mas ela não pareceu se importar.

Na verdade, ela parecia a acolhê-la, abrindo sob a pressão de seus lábios e língua.

Se aproximando, ela apertou as macias e flexíveis curvas contra seu corpo, gemendo quando ele apertou ainda mais em seu cabelo.

Os fios de dourados acariciou sua pele como um sedoso vento de outono.

Sua boca lembrava-lhe o doce de frutas enquanto ele mergulhava dentro, acariciando e degustando. Ele pegou os pequenos sons de prazer que ela respondeu, timidamente no início, então crescendo mais ousadas.

Seu pau endureceu ainda mais com cada gemido necessitado.

Ele mordiscava o lábio inferior inchado pelo beijo antes de levantar a cabeça.

— É esta a promessa que eu fiz?

Com uma das mãos ainda entrelaçadas em seu cabelo, ele encontrou o fecho do seu casaco e desapertou-o, deixando o pesado tecido molhado cair de seus ombros a poça a seus pés.

Um arrepio lhe percorreu,quando sua mão livre deslizou de sua garganta até a cintura, arrastando-a mais perto.

Obrigando-se a permanecer imóvel, ele mal conseguiu segurar-se de empurrar o seu pau ansioso contra a suavidade doce de seu monte.

Agora que ele finalmente a tinha em seus braços, a última coisa que ele queria era assustá-la.

Ela cobriu sua mão com o dela própria, uma muito menor e surpreendendo-o, arrastou seus dedos para cima, até que cobriu o peito. O mamilo endureceu imediatamente contra a palma da mão.

— Tão sensível — ele respirou contra sua orelha.

Ela olhou para baixo, aparentemente hipnotizados pela visão de seus dedos entrelaçados.

Movendo a mão em um círculo, ele espalmou seu mamilo, um pequeno sorriso brincando em seus lábios enquanto ela arqueava em seu toque.

Ele arrastou os dedos até os ombros, arrepios seguindo sua carícia. Deslizando seus dedos por baixo do decote do vestido, ele o deslizou para baixo, lentamente descobrindo seus ombros, em seguida, o topo dos seios. O material filme pegou momentaneamente sobre os mamilos eretos, enviando arrepios de desejo através dela Sua necessidade espelhava a dele.

O mamilos plissaram sob seu escrutínio, e ele deu um puxão, arrastando para baixo até que o tecido caiu e estava nua da cintura para cima.

Sua respiração parou na garganta.

Seios cheios de cor cremosa.

Sua pele parecia quase brilhar na penumbra da caverna à luz de velas, praticamente implorando pelo seu toque.

Suas mãos tremulavam nervosas antes de se estabelecer em sua cintura, tentando atraí-lo mais perto, mas ele manteve-se firme.

Ele tinha esperado muito tempo para isso.

Até agora, ele contentava-se com visões fugazes e raras, breves conversas roubadas antes da chegada de Deméter.

Mas agora?

Agora, ele tinha Perséfone para si mesmo.

Ela viria com ele.

Para um lugar de sua mãe não podia seguir.

Segurando o olhar de Perséfone, ele segurou seu peito na mão, roçando seu polegar em seu mamilo docemente distendido.

Sua pele sentia quase fria ao toque, mas iria mudar rapidamente.

Rolando a ponta entre o polegar e o indicador, andou para trás em direção à sua cama.

— Ou talvez essa foi a promessa que fiz — ele rugiu contra sua orelha, beliscando-lhe a pele levemente.



Perséfone fechou os olhos pela dor aguda, que rapidamente se transformou em prazer quando ele apertou mais duro antes de liberá-la.

Sua respiração tremeu quando seus lábios faziam um caminho aquecido ao longo do pescoço e sobre o peito. Ela tinha imaginado este momento tantas vezes, mas não era nada como tinha imaginado.

Não havia como ela poder ter antecipado a calos nas pontas dos dedos ou o calor delicioso e molhado de sua boca.

Nem ela poderia ter imaginado como seria a sensação de ter a coluna grossa de seu pau pressionado contra seu monte.

A parte de trás de seus joelhos tocaram a cama enquanto ele engolia o mamilo na boca dele, derrubando-a sobre o colchão.

O prazer de seus beijos de antes não era nada comparado ao sensual chupar em seu mamilo dolorido. Ela gritou quando as pontas quase afiadas de seus dentes rasparam sobre os picos duros. Seus dedos rasparam em seus ombros enquanto um gemido escapavam de seus lábios.

Deslizando as mãos em seu cabelo, ela agarrou sua cabeça, recusando-se a deixá-lo mover-se.

Ela não queria que ele parasse.

Suas pregas umedeceram, e ela deslocou contra ele, contra o vulto rígido de seu pênis, para aliviar a dor entre suas pernas.

Não funcionou.

Ele levantou a cabeça, e seu cabelo caiu em torno deles como uma cortina obscurecendo tudo, menos seu rosto.

— É esta a promessa que eu fiz? — Ele perguntou, seus olhos intensos fixos nos dela.

Abaixando a cabeça novamente, ele puxou outro mamilo em sua boca.

Calor úmido floresceu em torno de sua carne enquanto ele chupava, criando uma pulsação rítmica, ligando os seus seios e seu ventre.

Empurrando suas pernas com o joelho, ele se estabeleceu no meio de suas coxas. Seu peso pressionou-a para a cama, enviando choques de prazer através do seu centro na virilha. O cume espesso de seu pênis apertando contra seu monte.

Mais do que tudo, ela queria ele dentro dela.

Ela levantou os quadris, balançando contra ele.

Liberando seu mamilo, ele levou a mão para a bacia de prata ao lado da cama.

Segurando um pedaço romã nos lábios, ele traçou a sua boca com a minúscula peça de fruta suculenta. Tanto quanto desejava provar, ela não podia.

— Eu iria levá-la para ser minha rainha — respondeu asperamente, mais uma vez seguindo seus lábios com o pedaço da fruta.

Segurando seu olhar, ela balançou a cabeça lentamente, o arrependimento pesado em seu coração. Comer alimentos no submundo significava que ela permaneceria lá para sempre.

Um meio sorriso levantou os cantos de sua boca, e ele comeu a semente. — Todas as coisas vem para mim a seu tempo.

Pegando um punhado de romã, ele jogou-os em sua boca antes de tomar o mamilo entre os lábios novamente. Ele chupou forte, e a pele frágil presa junto com as sementes umedeceram contra sua pele. O suco era quase frio em comparação com o calor de sua boca. Usando a sua língua, ele rolou as minúsculas sementes em torno de seu mamilo dolorido, roçando a textura áspera do miolo contra eles. Ele repetiu o tormento no outro seio, até ter ela se contorcendo abaixo dele, os mamilos manchado de vermelho pelo suco da romã.

Arrastando beijos aquecida para baixo de seu torso, Hades tirou o vestido de seu corpo.

Ele sentou-se sobre os calcanhares e olhou atentamente até que ela lutou contra o desejo de cobrir-se.

— Nunca se esconda de mim — , ele disse, inclinado para a frente e pressionando os lábios de seu estômago.

Seus músculos saltaram abaixo de seu toque e calor líquido se espalhou através de seu corpo, fazendo seus membros pesados e seus movimentos lânguidos.

Ele avançou mais para baixo, o queixo mal barbeado raspando sua pele delicada e fazendo sua buceta pulsar com a necessidade.

Abrindo mais suas pernas, ela esperou que ele tivesse pena dela e a tocasse já.

Nenhum homem jamais tocou nela. Sua mãe tinha se certificado disso.

Perséfone sufocou a facada afiada de culpa que surgiu com a ideia de Deméter e se focou no homem arrastando sua língua ao longo do interior de sua coxa.

Hades rastejou mais perto de seu eventre, e todos os pensamentos que não pertenciam à boca perita, desapareceu.

Ele arrastou um único dedo através de sua fenda antes de espalhar suas dobras, e seu corpo levantou para cima.

Com uma risada, ele colocou um braço pesado em seus quadris, segurando-a na cama.

O pelo em seu antebraço roçava sua carne sensibilizada, e ela se contorcia abaixo dele.

Seu hálito quente banhava sua carne úmida enquanto ele avançava mais perto de seu centro.

— Você sabe quanto tempo eu esperei por isso? Por você? — , Perguntou ele, com os lábios roçando os coxas.

Ela balançou a cabeça, os olhos apertados.

— Desde sempre — Ele moveu seu domínio sobre ela e espalhou seus lábios vaginais, expondo completamente sua buceta ao seu olhar, e ela sentiu sua respiração irregular no fundo da boca do estômago.

Abrindo os olhos, ela arriscou um olhar para ele.

Seu olhar viajou até o comprimento e de volta a seu rosto.

Um calor quase selvagem brilhava no fundo quase preto, e ela foi incapaz de desviar o olhar. Sua barriga tremia em antecipação nervosa enquanto ele olhava para ela.

Finalmente, ele abaixou a cabeça para seu monte.

Arrastando a ponta da língua através de suas dobras, ele cuidadosamente evitou o feixe de nervos sensíveis que doía por atenção.

Ela tentou levantar seus quadris para levá-lo na direção certa, mas ele não queria ser apressado. Enfiando dentro dela, ele reuniu seu creme em sua língua, chupando dentro de sua abertura, enquanto ela se contorcia tremendo contra ele.

Cada carícia da sua boca puxou gemidos sufocados dela.

Ela nunca tinha imaginado nada que podia sentir tão bom quanto sua boca em sua pele.

O sabor doce da excitação de Perséfone encheu-lhe a boca com algo ainda mais delicioso do que o suco de romã. Ele continuou a atormentá-la, levando sua necessidade as alturas.

Ele ainda achava difícil acreditar que ela estava finalmente aqui.

Quantos sonhos que ele tinha enviado ela?

As mensagens enviadas nas asas do sono, porque ele tinha tido tão poucas oportunidades para se comunicar com ela.

Ele tinha esperado por tanto tempo, que tinha começado a pensar que nunca iria acontecer, mas agora que ele finalmente a teve, e se recusava a perder um momento por causa de indecisões ou contemplação inúteis.

Seus dedos substituído a sua língua, acariciando seu corpo, fazendo sua necessidade aumentar.

— É esta a promessa que eu fiz? — Ele perguntou enquanto empurrava em seu corpo trêmulo.

Ela balançou a cabeça, balançou a cabeça em seguida, acenou com a cabeça mais uma vez antes de fechar seus olhos, sua cabeça batendo de lado a lado.

Ele amava sua capacidade de resposta, a maneira ofegante em que ela agarrava a cama, torcendo-a em suas mãos. E adorava a maneira como seus olhos se apertavam e os dentes dela afundavam em seu lábio inferior enquanto tentava segurar o gemido.

O seu pau estremeceu a cada gemido agonizante.

As pontas calejadas de seus dedos roçavam suas paredes internas enquanto ele deslizava-os através de seu canal. Seus músculos se apertaram, e seu corpo ficou tenso. Ela estava perto.

Sem aviso, ele tomou seu clitóris entre os lábios e chupou o broto rígido. Seu nome caiu-lhe dos lábios como uma oração enquanto ela tencionava contra ele. Seu orgasmo a tomou, atravessando-a enquanto a oração tornou-se um grito agonizante ressoando por toda a caverna.

Ele queria empurrá-la sobre a borda novamente e novamente. Mais do que isso, ele quis pegá-la toda vez que ela caísse.

Tremendo, ela empurrou para a frente, agarrando seus ombros, aparentemente desesperada para tê-lo a enchendo.

Seus olhos estavam escuros e selvagens enquanto ela puxava ele.

Ele entendeu.

Ele queria estar dentro dela tão mal.

Ele tinha tido mais mulheres do que podia se lembrar, mas nenhuma delas tinha-lhe feito sentir tanto como um jovem inexperiente como Perséfone fez.

Agarrando uma outra semente de romã, novamente ele ofereceu a ela, provocando seus lábios inchados pela paixão.

— Seja minha rainha. — As palavras caíram de sua boca, meio apelo meio ordem.

A selvageria desbotou um pouco de seus olhos, e ela balançou a cabeça lentamente, engolindo o nó em sua garganta.

— Eu não posso.

Decepção queimou claramente dentro dele, mas ele socou-a para baixo.

Em vez disso, arrastou o fruto pelo vale dos seios até a membrana que envolvia a semente finalmente estourou, vazando o suco doce acidamente sobre sua pele pálida.

Abaixando a cabeça, ele rodou-a, bebendo o néctar diretamente de sua pele.

Alcançando a tigela, ele pegou um punhado de sementes e esmagou-as, de modo que o suco espremido correu em riachos vermelhos sobre os seios e barriga.

Seus mamilos bem frisados, tremendo com gotas de líquido marrom agarrada às pontas antes de virar na coloração de lágrimas escorrendo por suas curvas suaves.

Ele esfregou o lado sensível do seu peito, ternamente limpando o suco de sua pele.

Suspirando, ela passou os dedos por seu cabelo enquanto ele fazia seu caminho para o peito, em seguida descendo a encosta suave de seu estômago.

Até o momento ele chegou a seu umbigo, ela estava levantando seus quadris, instigando-o a levá-la com a boca novamente.

Ele sorriu contra sua pele.

Ele definitivamente estaria fazendo isso.

Mas não agora.

Em vez disso, ele tirou o resto de sua roupa e ficou nu diante dela.

Sua respiração presa na garganta quando seus olhos se fixaram em seu pênis.

Seu olhar voou para o seu rosto, em seguida, de volta para sua ereção novamente.

Empurrando-se nos cotovelos, ela acenou-lhe para vir mais perto.

Segurando seu olhar, ele se ajoelhou na cama com as pernas abertas, sem perder a ampliação de seus olhos enquanto ele se aproximava.



Perséfone engoliu nervosamente.

Grosso e totalmente ereto, o pau de Hades curvava ascendente em direção ao seu estômago deixando um rastro úmido em todo o músculo tenso.

Um deslizar de creme de leite fresco inundou sua boceta quando ele caiu sobre suas mãos e joelhos e engatinhou em direção a ela, prendendo-a com seu corpo.

Perigo inebriante misturado com a sensação inexplicável de segurança.

Não importava o que aconteceria, ela sabia que ele não iria machucá-la.

Ela estava segura em seus braços.

Seu pau pesado roçou sobre o clitóris, e ela estremeceu à carícia casual.

Ela levantou os quadris, pressionando suas dobras úmidas para o seu eixo quente e esfregou-se contra ele. Seu calor liso revestiu seu comprimento duro e acetinado. Seus olhos se fecharam, e ele inclinou a cabeça para trás, quase como se estivesse rezando por alguma força.

Ela fez isso de novo, amando o modo como sua respiração sibilou por entre os dentes cerrados.

Cada segundo de contato a fez querer mais.

— Por favor — ela sussurrou, acariciando as mãos sobre seus ombros largos e sobre suas costas.

Seus quadris sacudiram como se em resposta a seu apelo, mas ele parou e segurou seu olhar.

Quando ela levantou seus quadris novamente, seus olhos se fecharam e ele empurrou para a frente. Hades entrou nela um pouco antes de puxar para trás.

Era óbvio que ele estava tomando muito cuidado com ela, mas ela não queria cuidado.

Ela queria ele.

Quando ele deslizou para a frente de novo, ela ergueu os quadris de encontro a seu impulso superficial e levando-o mais profundo.

Este movimento minúsculo parecia ser tudo o que tinha para empurrá-lo além do limite.

Como se tivesse perdido a capacidade de se reter, ele entrou inteiro dentro dela.

Ela endureceu na dor aguda e plenitude súbita.

Ele a acalmou, e seu corpo tremia com o esforço. Sua cabeça caiu para a frente, as pontas de seu cabelo sedosos deslizaram através de sua pele, e sua respiração trabalhava contra o peito inchado. Levantar o olhar para o dela, alisou a mão sobre seu rosto.

— Você está bem?

Ela assentiu, quase incapaz de pensar além das sensações esmagadoras. Eventualmente, inquietação substituiu o desconforto.

Ainda quase desconfortavelmente cheia, era impossível não querer se mover.

Ela precisava de mais do que ele estava lhe dando. Seus membros tremendo dizendo-lhe que precisava dele também.

Seus músculos internos cerraram em torno dele, Instigando-o a entrar em ação.

Lentamente, ele retirou-se, arrastando o seu pau espesso através de seu canal inchado.

Ela jurou que sentia cada cume, cada veia pulsando enquanto movia-se dentro dela.

Depois de vários avanços mais controlados, ela rapidamente pegou o ritmo e combinou os impulsos enquanto sentia seu corpo relaxar.

A dor se dissipou, deixando apenas a felicidade do seu pênis enorme trabalhar dentro e fora de seu corpo apertando. Seu osso pélvico roçava contra seu clitóris em todos os movimentos. Rajadas claras de prazer pulsavam através dela a cada conexão.

— Você é tão boa — ele respirou contra seu pescoço. Ele empurrou nela mais rápido, perdendo qualquer sentido de ritmo que ele já teve.

Cada estocada áspera aumentava a necessidade dentro dentro dela, engrossando uma fome, chegando a ser até dolorida.

Seu corpo enrijeceu, e seus músculos internos ondularam e cerraram, segurando-o quase imóvel. Prazer disparou através de seus membros e sobre sua pele, e de alguma forma ainda mais intensa do que antes.

Ele empurrou o seu clímax, empurrando dentro dela, tornando cada sensação mais nítida.

Um gemido foi arrancado do seu peito, quando seu orgasmo o levou, enchendo-a com um disparo escaldante de sua essência, enquanto ele continuava a bater nela.

Finalmente, ele desacelerou depois parou, gentilmente retirando de seu corpo.

Ele lhe beijou na boca enquanto virava para cima antes de arrancar outra romã da bacia de prata ao lado da cama e segurando-a nos lábios.

— Mais do que nunca, eu teria você para a minha rainha. Regendo ao meu lado.

O fruto foi delicioso contra sua carne. Era quase impossível não aceitá-la. Havia algo em seus olhos enquanto ele a observava.

Ele parecia quase vulnerável, enquanto esperava pela sua resposta, mas ela não estava certa de que poderia lhe dar a resposta que ele queria.

Ela estaria negociando uma vida de servidão para outra?

Lentamente, ela balançou a cabeça.

Por um momento, seu olhar nublou. E tão rapidamente, ele tinha ido embora. — Sempre será sua escolha. Mas sei que vou esperar por você até o fim dos tempos. — Um pequeno sorriso puxou os seus lábios. — Eu sempre mantenho minhas promessas .

Naquele momento, ela soube

A Vida com Hades não seria de subjugação infinitas que ela tinha experimentado ao lado de sua mãe.

A paz caiu sobre ela.

Ela pegou um punhado de sementes vermelho claro da tigela com uma mão e empurrou-o para trás contra os travesseiros com a outra.

Subindo sobre a parte inferior das pernas dele, ela agarrou seu pau com a mão livre, deslizando sua mão até o comprimento ainda duro dele.

Seu olhar se concentrou nela, parando a respiração em seu peito com a magnitude do que ela estava prestes a fazer com ele.

Não havia como voltar atrás depois.

Mas ela sabia com absoluta certeza o que ela não queria.

— Tudo o que virá a você, virá com o tempo — ela murmurou. — Meu tempo é agora.

Segurando as sementes acima da cabeça larga de seu pênis quente, ela apertou lentamente, deliberadamente, deixando o claro suco gotejar o líquido avermelhado abaixo do seu comprimento.

Seus olhos se fecharam e sua respiração agonizante sibilou entre dentes.

Deixando a bagunça esmagada de lado, ela o levou em sua boca, o suco acentuadamente doce da fruta misturando-se com o sabor almiscarado quente de seu amante.

Ela tinha feito a sua escolha.

Algum dia, ela faria as pazes com sua mãe, mas por agora, ela deixaria Hades manter suas promessas, e ela planejava fazer algumas promessas também.

FIM